



Teatro, Escuta e Aquilombamento: Experiências de Mediação Artística e Formação Docente

Iara Dos Santos Piris¹
Stéfhany Luize Borges Costa²
Adriana Moreira Silva³

RESUMO

Este relato apresenta uma reflexão sobre a experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, realizada na Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, em Macapá-AP. A prática desenvolvida com uma turma de 7º ano buscou inserir o teatro como linguagem de escuta e criação coletiva, sensível às realidades dos estudantes e aos contextos sociais da escola pública. A partir da valorização da memória, da ancestralidade e da construção de vínculos afetivos, foram desenvolvidas propostas pedagógicas que promoveram o aquilombamento como prática de resistência e pertencimento. O trabalho aponta para a potência do teatro enquanto espaço de acolhimento e denúncia, sobretudo diante das violências e silenciamentos enfrentados por alunas negras. Dialogando com autores como Bell Hooks (2017), Paulo Freire (1996), Grada Kilomba (2019), Nilma Lino Gomes (2017) e Ana Mae Barbosa (2009), o artigo defende uma pedagogia do território, que reconhece a sala de aula como espaço simbólico de transformação social e subjetiva. Reflete-se ainda sobre os desafios institucionais encontrados, a importância da escuta ativa e a urgência de práticas inclusivas na formação docente. O teatro, nesse contexto, é compreendido como prática de liberdade e ferramenta de reexistência no cotidiano escolar.

Palavras-chave: PIBID; Aquilombamento; Teatro; Escuta Sensível; Pedagogia do Território.

¹ Licencianda em Teatro pela Universidade Federal do Amapá, Bolsista PIBID, Atriz, Produtora Cultural e Pesquisadora. E-mail: iarapirisunfap@gmail.com

² Licencianda em Teatro pela Universidade Federal do Amapá, Bolsista PIBID, Atriz, Figurinista e Pesquisadora. E-mail: contatostefhanyborges@gmail.com

³ Professora adjunta do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá. Coordenadora do PIBID- TEATRO na mesma instituição. Coordenadora do grupo de estudos e extensão PAPEI (Práticas artísticas e pedagógicas na Educação infantil). Doutora em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina. E-mail: adriana.silva@unifap.br





INTRODUÇÃO

O ensino público no estado do Amapá, especialmente em escolas situadas em regiões periféricas, é atravessado por desafios estruturais, sociais e afetivos que exigem práticas pedagógicas sensíveis aos contextos locais. Nesse cenário, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) surge como um espaço fundamental de formação docente e de transformação das relações escolares. A partir da inserção de licenciandos em escolas da rede estadual, o programa possibilita experiências concretas de mediação entre teoria e prática, favorecendo o diálogo com a realidade dos estudantes e com as dinâmicas territoriais que configuram o cotidiano escolar. No campo do Teatro, essa inserção assume contornos singulares: o fazer artístico se torna linguagem de escuta, criação e resistência, capaz de abrir brechas para que a escola se torne também um espaço de acolhimento, denúncia e pertencimento.

A experiência do PIBID Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), desenvolvida na Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, exemplifica a potência dessa proposta. A convivência dos bolsistas junto às turmas do ensino fundamental II permitiu constatar que o ambiente escolar constitui um espaço marcado por múltiplas vulnerabilidades, mas também por afetos, memórias e potências criativas. O teatro, nesse contexto, tem sido compreendido como ferramenta de escuta sensível, capaz de transformar as narrativas de dor e exclusão em experiências de expressão e coletividade. A partir de dinâmicas voltadas à memória, à ancestralidade e ao aquilombamento – conceito que, conforme Grada Kilomba (2019) e Nilma Lino Gomes (2017), se articula à ideia de comunidade, resistência e cura coletiva –, as ações do grupo buscaram instaurar práticas de ensino baseadas no respeito, na partilha e na escuta ativa.

A vivência com a turma do 7º ano, evidenciou a necessidade de pensar à docência não apenas como transmissão de conteúdo, mas como construção de vínculos e reconhecimento das subjetividades. Assim, o trabalho realizado na Escola Maria do Carmo Viana dos Anjos reafirma o compromisso do PIBID com uma pedagogia do território, na qual o ato de ensinar se entrelaça à escuta das realidades locais e à valorização das identidades amazônicas e afro-diaspóricas. Em meio a um cenário educacional ainda marcado por desigualdades, o teatro



torna-se, portanto, um gesto político e poético: uma forma de aquilombamento dentro da escola pública amapaense.

1 METODOLOGIA

As ações e reflexões desenvolvidas a partir do PIBID na metodologia de relato de experiência. Essa escolha se justifica por compreender o fazer docente e artístico como processos vivos e em constante transformação, nos quais o pesquisador é também sujeito participante da realidade investigada. Assim, o estudo parte da vivência do PIBID Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) na Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, localizada em um bairro periférico de Macapá/AP e tem como objetivo analisar como o teatro pode atuar como prática de escuta, acolhimento e construção de pertencimento no espaço escolar.

A coleta de dados dessa experiência ocorreu por meio da observação participante, do registro em diário de campo, da construção de mapas como forma de relato e da análise reflexiva das práticas pedagógicas e artísticas desenvolvidas ao longo do semestre que foram orientadas pela professora supervisora do PIBID. As atividades foram planejadas de forma colaborativa entre bolsistas e docentes, com base em princípios da pedagogia freiriana (Freire, 1987), que valoriza o diálogo e a escuta ativa, e das reflexões de Bell Hooks (2017), que concebe o ato educativo como gesto de amor e resistência. As ações metodológicas envolveram dinâmicas teatrais de improvisação, partilha de memórias, criação de cenas e jogos corporais voltados à ancestralidade e ao cuidado simbólico. O processo foi dividido em etapas:

- I. Aproximação e diagnóstico sensível da turma;
- II. Desenvolvimento de práticas cênicas que estimulassem vínculos afetivos e expressão pessoal;
- III. Reflexão coletiva sobre as experiências vividas.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO: TEATRO, ESCUTA E AQUILOMBAMENTO

O teatro, quando inserido no contexto escolar, ultrapassa a função estética e assume um papel político, pedagógico e afetivo. Na perspectiva de Paulo Freire (1996), educar é um ato de liberdade, e o diálogo constitui-se como base para qualquer processo de ensino que vise





à emancipação. Assim, a prática teatral pode ser compreendida como um exercício de escuta ativa e partilha de experiências, possibilitando que estudantes e docentes se reconheçam como sujeitos históricos e criadores de cultura.

No âmbito da formação docente, o PIBID – Teatro da UNIFAP tem se configurado como espaço privilegiado para essa mediação artística. As práticas desenvolvidas na Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, situada em uma região periférica de Macapá, exemplificam o potencial do teatro como ferramenta de transformação. Por meio de dinâmicas de improvisação, partilha de memórias e construção coletiva de narrativas, o teatro se tornou um instrumento de escuta das dores e sonhos dos estudantes.

A escuta, conforme defende Hooks (2017), é um ato de amor e um gesto pedagógico revolucionário: ouvir o outro é abrir espaço para a construção de saberes situados e para a criação de vínculos genuínos. Essa escuta se entrelaça à noção de quilombamento, trazida por autoras como Kilomba (2019) e Gomes (2017), que compreendem o quilombo como símbolo de resistência, partilha e cuidado coletivo. Ao se inspirar nessa ancestralidade, o teatro na escola se transforma em um espaço de reexistência, onde corpos historicamente silenciados podem se expressar e se reconhecer como produtores de conhecimento e arte.

A pedagogia do território, conceito dialogado por Barbosa (2009), também atravessa essa prática ao propor que o ensino das artes deve emergir do contexto em que está inserido. No Amapá, isso significa reconhecer as expressões culturais locais – como o Marabaixo⁴, o Batuque⁵ e outras manifestações culturais – como fontes legítimas de saber e pertencimento. O teatro, nesse sentido, atua como ponte entre o corpo e o território, entre a ancestralidade e o presente, instaurando na escola um espaço de criação sensível, coletiva e crítica.

A experiência vivida no PIBID Teatro evidencia, portanto, a potência do fazer artístico como método de formação docente e de mediação cultural. Em diálogo com as realidades da escola pública periférica, o teatro possibilitou a construção de uma docência comprometida com a escuta, a inclusão e a transformação social – princípios que se materializam nas práticas de quilombamento e na valorização das narrativas locais.

3 REFERÊNCIAL TEÓRICO: CIDADANIA, DIREITOS E INCLUSÃO SOCIAL

A escola pública, especialmente em contextos periféricos, é um espaço de múltiplas tensões, mas também de construção de cidadania. A educação, conforme a Constituição

⁴ Marabaixo é uma manifestação cultural específica do Amapá, que envolve dança, canto, tambores (caixas de marabaixo) e rituais de fé, representando a resistência e a identidade das comunidades negras locais.

⁵ Batuque é um termo mais geral que pode se referir a cultos de tambor afro-brasileiros.





Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96)⁶, deve promover o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No entanto, esse ideal esbarra em desigualdades estruturais, discriminações raciais e de gênero, e na ausência de políticas efetivas de inclusão.

Nesse cenário, o teatro se apresenta como um meio privilegiado de promover direitos humanos e inclusão social. As práticas teatrais do PIBID Teatro funcionaram como espaços de escuta e acolhimento frente aos relatos de violência doméstica, racismo e outras opressões experienciadas pelos estudantes. Tais vivências revelam o quanto a escola ainda é um reflexo das desigualdades sociais, mas também apontam para o seu potencial transformador quando mediada por uma pedagogia crítica e sensível.

Inspirando-se em Freire (1987), é possível compreender a cidadania não como um status concedido, mas como um processo de conquista e conscientização. O teatro, ao propor o diálogo, o trabalho coletivo e a expressão de si, promove a conscientização dos sujeitos sobre sua realidade e os convida a agir sobre ela. Esse processo se articula com as reflexões de Gomes (2017) sobre a educação das relações étnico-raciais, que enfatiza a necessidade de reconhecer as identidades negras e indígenas como partes constitutivas do currículo escolar e da formação cidadã.

Portanto, o PIBID Teatro no estado do Amapá⁷ atua na fronteira entre arte e cidadania, entre formação docente e transformação social. Ao promover espaços de fala, escuta e criação, o teatro contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e pertencentes a uma comunidade maior. Em uma escola como a Maria do Carmo Viana, onde o cotidiano reflete as vulnerabilidades e as potências da periferia amapaense, o teatro se afirma como resistência e liberdade – uma arte que educa para a vida e para o coletivo.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO:

O primeiro contato com a turma do 7º ano B revelou um grupo de estudantes expressivos, comunicativos e conhecidos na escola pela fama de serem “bagunceiros” ou “os que mais praticam *bullying*” – segundo o relato de alguns docentes da escola. A recepção inicial foi marcada pela curiosidade diante da presença dos pibidianos, o que nos motivou a propor uma apresentação teatral baseada em narrativas pessoais curtas. A atividade teve como

⁶ Ela abrange a educação escolar e outros processos formativos, com o objetivo de consolidar a educação básica, promovendo a autonomia do educando.

⁷ As ações do PIBID Teatro da UNIFAP são desenvolvidas, até o presente momento, em dois municípios do estado do Amapá: Macapá e Santana.



objetivo favorecer a aproximação com a turma, estimular vínculos afetivos e romper barreiras de desconfiança, sobretudo com os estudantes mais velhos.

A proposta consistiu em partilhar pequenas histórias ligadas à memória familiar – especialmente lembranças envolvendo mães, avós e objetos significativos –, buscando, através da arte, criar um ambiente de reconhecimento mútuo. Os resultados foram imediatos: surgiram comentários espontâneos como “minha avó faz isso” e “professora, você era assim?”, evidenciando o início de um processo de identificação. A professora supervisora, Marília Navegante⁸, deu continuidade à atividade propondo que, na aula seguinte, os alunos compartilhassem uma memória marcante de suas vidas. Essa dinâmica marcou o início do que denominamos, no contexto do projeto, de aquilombamento⁹, conceito que foi posteriormente apresentado e discutido com a turma.

Figura 1 - Atividade de compartilhando vivências na proposta de aquilombamento, 2025

No encontro seguinte, apesar da timidez inicial, os alunos se mostraram dispostos a partilhar suas histórias.

A maioria dos relatos trazia dolorosas: medo da violência familiares por “bala perdida” e, de narrativas de abuso doméstico. sua experiência, encorajou outras mesmo, desencadeando um que se estendeu por semanas e pela equipe escolar. O que seria dinâmica de partilha revelou silenciadas, levando-nos a comportamento brincalhão e também expressava formas de lidar acumuladas.



lembranças urbana, perda de forma crescente, Uma aluna, ao relatar colegas a fazerem o movimento de fala ainda é acompanhado uma simples realidades compreender que o disperso da turma com dores

A partir dessa escuta, tornou-se evidente a necessidade de adaptar as práticas teatrais, priorizando dinâmicas que promovessem segurança e acolhimento. Entre as propostas planejadas, está a

⁸ Mestre em Ensino (UFPA) e Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UNIFAP), Licenciada Plena em Artes Visuais (UNIFAP). Professora/performer. Pesquisa por questões étnico/raciais, gênero/sexualidade, currículo afroreferenciado, religiões de matriz africana, performance como metodologia, ensino e aprendizagem performática.

⁹ Termo contemporâneo que descreve a organização coletiva de pessoas para resistência, afeto e cuidado mútuo, baseada nos legados dos quilombos históricos como espaços de liberdade e autodefesa contra a opressão.





de “limpeza corporal de energias negativas”¹⁰, um exercício de entrega simbólica à terra, voltado para o bem-estar físico e emocional. Paralelamente, durante uma manhã na sala de acolhimento¹¹, foi possível constatar a dimensão do problema ao ler relatórios de 14 relatos de abuso envolvendo meninas negras, indicando que a atividade reverberou para além da turma do 7º B.

O andamento do trabalho enfrentou obstáculos, como feriados e ajustes no horário escolar, o que dificultou o ritmo das ações após os primeiros encontros. Ainda assim, a escuta sensível e o uso do teatro como linguagem de afeto e expressão permaneceram como eixos centrais do processo pedagógico.

4.1 Desafios na construção coletiva: à docência é solitária?

Durante o processo, percebi a existência de desafios no trabalho coletivo: alguns colegas do grupo – somos quatro bolsistas supervisionados na mesma turma – demonstravam pouca participação no planejamento e execução das atividades, comprometendo a dinâmica colaborativa. Essas situações trouxeram reflexões sobre a solidão docente e a importância da corresponsabilidade nas práticas de formação inicial. Embora a supervisora incentive o protagonismo dos bolsistas, a falta de engajamento de parte do grupo exigiu maior esforço organizacional nosso, afetando a divisão de tarefas e o desenvolvimento de propostas em comum. Ressalto, contudo, que essa experiência também contribuiu para compreender os desafios da docência como prática coletiva e política, e não apenas como ação individual.

4.2 Vivência cultural: “Como se dança Marabaixo?”

Com o intuito de aproximar a prática pedagógica do território e ampliar o repertório corporal dos alunos, planejamos uma saída de campo ao evento *Expofavela Innovation 2025*¹², evento realizado pela CUFA Amapá¹³, que reuniu apresentações de Marabaixo, Batuque¹⁴, *Hip Hop* e Circo. A visita se alinhou ao módulo de *Musicalidade e Corporeidade* do projeto

¹⁰ Com as mãos, o participante realiza um gesto de varredura energética no corpo, passando-as lentamente da cabeça até os pés.

¹¹ Um espaço destinado ao cuidado, escuta e acolhimento emocional, social e, muitas vezes, pedagógico de estudantes.

¹² Trata-se de uma feira de negócios, cujos expositores são empreendedores da favela feira de negócios, cujos expositores são empreendedores da favela.

¹³ Central Única das Favelas, uma organização não governamental brasileira que atua nas áreas de educação, cultura, esporte e cidadania, buscando desenvolver projetos sociais e dar protagonismo às populações de favelas e periferias.

¹⁴ O Marabaixo é uma dança religiosa do Amapá, ligada às festas do Divino, com cantos e tambores. O Batuque é mais antigo, festivo e com ritmo mais rápido, sendo a origem do Marabaixo.



inicial do PIBID -TEATRO e tinha como objetivo inserir os estudantes em contextos culturais diversos, especialmente manifestações tradicionais amapaenses.

Figura 2- Estudantes da Escola Maria do Carmo Viana dos Anjos no evento *Expofavela Innovation* 2025.



Foto de Alex Tavares

A experiência foi profundamente significativa. Muitos alunos, pela primeira vez, tiveram contato direto com expressões culturais regionais e espaços de produção artística. A ansiedade pelo evento vinda dos alunos, mencionada pela professora supervisora, demonstrava a carência de acesso a atividades culturais fora da escola. Quando o *Grupo de Marabaixo e Batuque União Folclórica e Social Igarapé do Lago* iniciou seu cortejo, os estudantes reagiram com entusiasmo, misturando-se às

marabaixeiras – dançarinas de Marabaixo – e criando uma cena simbólica: corpos juvenis, em fardas escolares, dançando ao lado de mulheres negras em saias azuis, entre o tradicional e o contemporâneo.

O gesto de dançar juntos, a partir da pergunta espontânea “como se dança Marabaixo?” feita por um aluno em uma das aulas, tornou-se um ato pedagógico em si. Ali, percebe-nos enquanto professoras-performers¹⁵, conduzindo a vivência de forma natural e afetiva, uma vez que eles foram para a roda dançar só após eu prometer que estaria junto, rompendo com a rigidez da relação hierárquica entre docente e aluno. O riso, o corpo e o movimento se tornaram linguagens de ensino e certamente essa foi a experiência mais enriquecedora até agora.

O evento encerrou-se com um momento de apreciação artística: uma performance circense em lira acrobática que despertou encantamento e curiosidade nos alunos, reforçando a importância da arte como experiência estética e educativa. O retorno à escola foi acompanhado de reflexões intensas sobre pertencimento e identidade cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de partilhar memórias familiares rompeu a distância entre professor e aluno e instaurou um espaço de confiança, possibilitando o surgimento de relatos sobre

¹⁵ Educadora que incorpora a arte da performance em sua prática pedagógica, buscando hibridizar o ensino com a criação artística, experimentação corporal e linguagem para desenvolver os alunos de forma integral.





violência, perdas e abusos. Essa abertura discursiva, que ultrapassou os limites da sala de aula, confirmou a potência da arte como dispositivo de aquilombamento, isto é, de criação de um território simbólico de proteção e partilha coletiva. Como propõe Nilma Lino Gomes (2017), aquilombar-se é um gesto político e pedagógico de resistência, e, nesse sentido, o teatro se mostrou capaz de revelar subjetividades e promover processos de cura simbólica.

O enfrentamento dessas realidades exigiu um redimensionamento das práticas teatrais, priorizando exercícios voltados ao bem-estar emocional, como a “limpeza corporal de energias negativas”, que reforçou a noção de cuidado e corporeidade sensível. Apesar de obstáculos logísticos e temporais, manteve-se o compromisso com uma pedagogia baseada na escuta e na afetividade, em consonância com a pedagogia freiriana, que entende o diálogo como essência do ato educativo (Freire, 1987).

Entretanto, o percurso também evidenciou tensões na construção coletiva. A falta de engajamento de parte do grupo de bolsistas revelou os desafios da docência colaborativa, que exige responsabilidade e diálogo constante. Essa vivência provocou reflexões sobre a solidão docente e a importância de se compreender o magistério como prática política e partilhada, em vez de um esforço isolado.

Por fim, a saída pedagógica ao *Expofavela Innovation 2025* sintetizou as aprendizagens do percurso. O encontro dos estudantes com o Marabaixo e o Batuque configurou uma aula viva de cultura e pertencimento, em que corpos juvenis e corpos ancestrais se misturaram em um mesmo ritmo. O contato direto com a cultura local desperta pertencimento, sensibilidade e respeito às tradições populares. Mais do que uma atividade artística, esse momento revelou a importância da arte como ponte entre a escola e o território, valorizando as experiências que constituem o imaginário e a identidade amazônica. Nesse sentido, o teatro torna-se prática de aquilombamento, como propõem Kilomba (2019) e Gomes (2017), ao instaurar coletividade, partilha e resistência no cotidiano escolar. O teatro, nesse contexto, reafirmou-se como prática de humanização e resistência, um espaço onde o aprender acontece pelo corpo, pela memória e pela coletividade.

Inserido no contexto de uma escola pública, situada em região periférica de Macapá/AP, o projeto revelou como o fazer teatral pode transcender os limites da sala de aula e atuar como ferramenta de conscientização, pertencimento e reconstrução simbólica. O teatro, nesse cenário, configurou-se como linguagem de mediação entre as dores e as potências dos estudantes, que ao compartilharem suas histórias, transformaram o espaço escolar em território de fala, denúncia e acolhimento. Assim, a arte se tornou um meio de





ressignificação das experiências cotidianas, reafirmando a escola como lugar de cidadania e de promoção dos direitos humanos.

O Amapá, com sua diversidade cultural e força das tradições afro-amazônicas, como o Marabaixo e o Batuque, oferece uma dimensão singular para a compreensão da educação como prática territorial e identitária. Ao aproximar os estudantes dessas expressões, o teatro possibilitou o reconhecimento das raízes culturais amapaenses e o fortalecimento de vínculos com a ancestralidade.

Conclui-se, portanto, que a prática teatral no PIBID Teatro da UNIFAP ultrapassa o caráter de formação técnica para se constituir como experiência de formação humana e política. Em uma escola periférica, onde os desafios estruturais e sociais são inúmeros, o teatro se afirmou como gesto de esperança. Ao promover escuta, aquilombamento e valorização da cultura amapaense, o projeto contribuiu para a construção de uma educação comprometida com os direitos humanos e com o reconhecimento das identidades que compõem o tecido da Amazônia. O teatro, enquanto arte e prática pedagógica, segue como espaço de reexistência – onde corpo, território e memória se entrelaçam para educar e libertar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho nasce do encontro entre corpos, vozes e memórias. É fruto de muitas escutas, olhares e silêncios compartilhados dentro de uma escola que pulsa vida, luta e esperança. Agradecer, neste contexto, é também reconhecer os caminhos que nos formam e as pessoas que, com gestos simples, transformaram o percurso em travessia.

À Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, deixo minha mais profunda gratidão. Suas paredes guardam histórias de resistência, suas salas abrigam sonhos e suas crianças são sementes que insistem em florescer mesmo em meio às adversidades. A cada estudante do 7º ano B, meu agradecimento afetuoso: suas risadas, suas dores e suas coragens deram sentido a cada aula e a cada silêncio também. Vocês ensinaram que o teatro é, antes de tudo, um ato de viver e que o corpo fala mesmo quando a palavra não vem.

À coordenadora Adriana Moreira e à professora Marília Navegante pela escuta generosa e pela presença firme, que foi farol quando o caminho parecia incerto. Suas orientações foram abrigo e inspiração. Aos colegas pibidianos, mesmo diante dos desafios e desencontros, agradeço pela partilha dos dias, pela troca, pelas pequenas colaborações que ajudaram a construir este percurso de formação e sensibilidade.





À Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ~~pela oportunidade de aprender com a realidade e com as pessoas, por possibilitar que o teatro se estenda para além dos palcos e encontre morada na vida.~~

Agradeço, ainda, ao *Grupo de Marabaixo e Batuque União Folclórica e Social Igarapé do Lago*, guardiãs de uma ancestralidade que dança. O som das caixas, o giro das saias e o canto das vozes ecoaram em mim e no quilombo 7º B como lição de pertencimento.

Por fim, agradeço às forças que me sustentam, às minhas ancestrais, às mulheres que vieram antes de mim e às que caminham comigo. Que cada palavra escrita aqui honre suas trajetórias e que este trabalho seja, também, um pequeno ato de aquilombamento: um gesto de amor, partilha e resistência.

Emoriô!





REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. *Aquilombamento: a potência da coletividade negra na educação. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 95–118.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

UNIÃO FOLCLÓRICA E SOCIAL IGARAPÉ DO LAGO. *Grupo de Marabaixo e Batuque*. Macapá: CUFA Amapá, 2025. Registro audiovisual. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DNbfCIIMiUY/?igsh=ZDlhbmVzZXBwcXBj>>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ (UNIFAP). *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Teatro*. Macapá: UNIFAP, 2025. Relatório interno.

